

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE ARTES - IARTE

THALYTA MARQUES SOUZA DE ALMEIDA

**NARRATIVAS VISUAIS: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA E O ENSINO NA  
EXPERIÊNCIA DE PROFESSOR/AS NEGROS/AS**

UBERLÂNDIA

2026

THALYTA MARQUES SOUZA DE ALMEIDA

**NARRATIVAS VISUAIS: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA E O ENSINO NA  
EXPERIÊNCIA DE PROFESSOR/AS NEGROS/AS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Me. Pollyana Ferreira Rosa

UBERLÂNDIA

2026

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

A447  
2026 Almeida, Thalyta Marques Souza de, 2000-  
NARRATIVAS VISUAIS [recurso eletrônico] : A PRODUÇÃO  
ARTÍSTICA E O ENSINO NA EXPERIÊNCIA DE PROFESSOR/AS  
NEGROS/AS / Thalyta Marques Souza de Almeida. - 2026.

Orientadora: Pollyana Ferreira Rosa.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade  
Federal de Uberlândia, Graduação em Artes Visuais.

Modo de acesso: Internet.

Inclui bibliografia.

Inclui ilustrações.

1. Artes. I. Rosa, Pollyana Ferreira, 1978-, (Orient.). II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Artes Visuais.  
III. Título.

CDU: 7

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091

Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

THALYTA MARQUES SOUZA DE ALMEIDA

**NARRATIVAS VISUAIS: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA E O ENSINO NA  
EXPERIÊNCIA DE PROFESSOR/AS NEGROS/AS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Artes Visuais.

Orientadora: Profa. Me. Pollyana Ferreira Rosa

UBERLÂNDIA-MG, 25 de Março de 2026

Banca Examinadora:

---

Profa. Me. Pollyana Ferreira Rosa – Orientadora e Presidente da Banca

---

Profa. Dra. Patrícia Andrea Soto Osses - Membro Titular

---

Prof. Dr. Geovanni Lima da Silva - Membro Titular

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia às pessoas que foram tintas na escrita do meu caminho, que, mesmo sem perceber ou entender a importância do próprio apoio, tornou possível cada etapa da minha trajetória. Dedico também à pequena Thalyta, os sonhos dela me trouxeram até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, à Universidade Federal de Uberlândia, espaço em que o conhecimento ultrapassa as paredes da sala de aula e onde, em cada canto, é possível encontrar beleza e experiências que levamos para a vida.

Agradeço ao Curso de Artes Visuais, espero não ter uma opinião impopular, considero o curso mais humano que poderia existir. Um espaço que transforma sem, muitas vezes, perceber a dimensão dessa transformação.

Agradeço aos meus professores e professoras. Sou grata pelos dias leves, pelas conversas, pelos conselhos e orientações, e por me mostrarem o que é, de fato, ser professor. Espero carregar comigo um pouco das incríveis pessoas que tive o privilégio de chamar de professor/as.

Agradeço à minha família que, mesmo sem compreender minha formação, nunca deixou de apoiar minhas escolhas. Aos amigos que conheci no curso, que tornaram o caos menos caótico e o percurso mais possível, a todos eles estou imensamente grata por estarem comigo.

“Isso significava que, mesmo que você fosse um pouquinho retinta, precisava ter o corpo menos curvilíneo, traços mais clássicos (leia-se: mais brancos). E eu não era assim”  
(Em busca de mim, 2022 p. 161)

## RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso, desenvolvido no curso de Artes Visuais, investiga a presença e a visibilidade de professores negros atuantes na área em Uberlândia, tomando a fotografia como instrumento de registro, memória e afirmação. A pesquisa surge a partir de inquietações provocadas pela leitura da autobiografia *Em busca de mim*, de Viola Davis, e pela percepção da presença limitada de referenciais e docentes negros no ambiente acadêmico e escolar. A constatação da baixa representatividade no corpo docente de instituições de ensino motivou o questionamento sobre as trajetórias desses profissionais e as condições de permanência na área artística e educacional.

O projeto articula pesquisa bibliográfica, entrevistas e produção fotográfica, propondo a construção de um acervo visual e expositivo que valoriza narrativas muitas vezes invisibilizadas. A experiência prévia no projeto de extensão *Afrofotobiografias em questão: A visibilidade dos invisíveis* contribuiu para o aprofundamento metodológico e para a compreensão da escuta como procedimento central da investigação. Ao reunir docentes em atuação e recém-formados, o trabalho busca reflexão sobre representatividade, permanência e reconhecimento, afirmando a fotografia como gesto político de visibilidade e construção de memória coletiva.

**Palavras-chave:** docência negra; artes visuais; representatividade; fotografia; memória.

## ABSTRACT

This Final Course Project, developed in the Visual Arts course, investigates the presence and visibility of black teachers working in the field in Uberlândia, using photography as a tool for recording, memory, and affirmation. The research stems from concerns raised by reading Viola Davis' autobiography, *In Search of Me*, and by the perception of the limited presence of black references and teachers in the academic and school environment. The observation of low representation in the teaching staff of educational institutions motivated questions about the trajectories of these professionals and the conditions for remaining in the artistic and educational field.

The project combines bibliographic research, interviews, and photographic production, proposing the construction of a visual and exhibition collection that values narratives that are often invisible. Previous experience in the extension project *Afrofotobiografias em questão: A visibilidade dos invisíveis* (Afrofotobiographies in question: The visibility of the invisible) contributed to the methodological deepening and understanding of listening as a central procedure of the investigation. By bringing together active teachers and recent graduates, the work seeks to reflect on representation, permanence, and recognition, affirming photography as a political gesture of visibility and the construction of collective memory.

**Keywords:** black teaching; visual arts; representation; photography; memory.

## LISTA DE FIGURAS

|           |    |
|-----------|----|
| Figura 1  | 23 |
| Figura 2  | 25 |
| Figura 3  | 27 |
| Figura 4  | 28 |
| Figura 5  | 30 |
| Figura 6  | 31 |
| Figura 7  | 32 |
| Figura 8  | 33 |
| Figura 9  | 35 |
| Figura 10 | 37 |
| Figura 11 | 38 |
| Figura 12 | 39 |
| Figura 13 | 41 |
| Figura 14 | 42 |
| Figura 15 | 43 |
| Figura 16 | 44 |
| Figura 17 | 46 |

## SUMÁRIO

|                                                                  |           |
|------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>                                              | <b>11</b> |
| <b>2 EDUCAÇÃO, ARTE E IDENTIDADE</b>                             | <b>13</b> |
| <b>3 DUAS GERAÇÕES, UM SISTEMA: EXPERIÊNCIAS ENTRE DOCENTES</b>  | <b>16</b> |
| 3.1 Primeira geração: permanência e estratégias de sobrevivência | 16        |
| 3.2 Segunda geração: formação e incertezas                       | 17        |
| 3.3 Um sistema, diferentes atravessamentos                       | 18        |
| <b>4 FOTOGRAFIA, VISIBILIDADE E CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA</b>        | <b>20</b> |
| 4.1 Richard: Corpos no Mapa; a docência nos espaços da cidade    | 22        |
| 4.2 Mara: retalhos, ancestralidade e afeto                       | 29        |
| 4.3 Isabelle: A Docência que Costura a memória                   | 34        |
| 4.4 Abraão: Entre Caminhos: A Travessia Docente                  | 40        |
| 4.5 Madeira: suporte e permanência                               | 45        |
| <b>5 CONCLUSÃO</b>                                               | <b>49</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A ideia desse projeto veio depois da leitura da biografia “Em busca de mim” da Viola Davis, atriz norte-americana que relata as dificuldades em ser artista negra principalmente nos anos 70 e 80. Anteriormente a leitura, participei de aulas em que percebi que as referências de artistas negros eram limitadas ou colocadas em categorias como “artistas negros contemporâneos”. No momento que estava concluindo Estágio 1, quando temos acesso a sala dos professores, percebi que pela primeira vez conheci um professor de artes negro. E observei que na escola havia somente ele como professor negro. Retornando ao livro: quando ela relata suas dificuldades de se manter na profissão pelas exigências do mercado sobre as pessoas negras. Que tenham conquistado um excelente currículo, eram preteridas pelos produtores, por procurarem negros com traços mais “finos”. A leitura me fez refletir sobre os professores e artistas negros.

Em uma palestra do Filipe Grimaldi promovida pelo Sesc no mesmo ano do meu primeiro estágio, ele contou o seu processo criativo e sobre seu trabalho. Principalmente, relatou que iniciou na internet ao reagir vídeos de artistas ao redor do mundo e que o alcance que tem, principalmente pelo seu bordão “Chora Photoshop” que viralizou e ajudou com a quantidade de visualizações em seus vídeos. Em sua reflexão sobre os artistas para quem faz os vídeos de reação, conta como ficou supreso pela quantidade de artistas negros que conheceu e questiona onde estavam todos eles. Mas explicou também que entende que todos esses artistas já estavam produzindo e existindo há tempos, somente não têm a visibilidade que merecem.

Após a conclusão do meu primeiro estágio tive a oportunidade de participar do projeto de extensão *Afrofotobiografias em questão: A visibilidade dos invisíveis*, tinha como proposta a criação de diários fotográficos de diversas narrativas de pessoas negras de Uberlândia. A elaboração deste resultou o lançamento do livro sobre essas narrativas. Nesse momento, queria trabalhar com muitas questões pessoais que o livro biográfico despertou em mim no projeto, procurando conhecer mais as narrativas dos artistas negros presentes na nossa região. Esse projeto foi essencial para entender as possibilidades e os processos de interesse para conhecer as histórias dessas pessoas presentes nele. No final, tive a sensação de que precisava aprofundar nas vivências e contar tudo de uma outra forma, o que foi o suficiente para iniciar

esse projeto de conclusão de curso que tem como base a participação dos convidados em todo do processo para contar a história deles através da fotografia.

Este projeto de Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais propõe-se a refletir e dar visibilidade às trajetórias de professores e artistas negros de Uberlândia, utilizando a fotografia como forma de registro. A proposta se estrutura a partir de entrevistas e registros, buscando compor um acervo visual e expositivo que valorize a presença desses profissionais, historicamente invisibilizados dentro das instituições de ensino.

## 2 EDUCAÇÃO, ARTE E IDENTIDADE

A educação, historicamente, nunca foi um espaço neutro. No contexto brasileiro, ela foi estruturada sob bases coloniais que definiram quais saberes seriam legitimados e quais indivíduos seriam autorizados a ocupar os espaços de produção de conhecimento. Nesse cenário, a presença de estudantes e docentes negros na universidade não se define apenas como dado estatístico, mas como deslocamento político e simbólico.

A formação educacional da população negra no Brasil foi marcada por exclusões sistemáticas. Mesmo após a abolição formal da escravidão, o acesso à escolarização permaneceu restrito, consolidando desigualdades que ainda se manifestam nas instituições de ensino. A permanência de estudantes e docentes negros nesses espaços, portanto, não pode ser compreendida dissociada do racismo estrutural que organiza as relações sociais e institucionais. Em uma parte do artigo “*Educação para uma vida melhor*”: *Trajetórias sociais de docentes negros* é destacado ao decorrer do texto que:

Expoente disso é o despreparo com que os negros foram lançados ao mercado de trabalho livre, tendo de lidar com as marcas materiais e simbólicas da escravidão (autossubjetivação e estigmatização social), a concorrência com a mão de imigrante, o abandono do Estado (FERNANDA, 1965). Foram afastados sistematicamente das organizações sociais, bem como das possibilidades de inserção na sociedade urbana competitiva. (2015, p. 2)

Nesse sentido, a reflexão proposta por Bárbara Carine em *Querido Estudante Negro* contribui para compreender como a trajetória acadêmica de sujeitos negros é atravessada por tensões relacionadas ao pertencimento, à legitimidade e ao reconhecimento. A autora evidencia que o ingresso no ensino superior não elimina as barreiras simbólicas e materiais impostas pelo racismo institucional. Ao contrário, muitas vezes intensifica a sensação de deslocamento e solidão.

Ao articular essas reflexões com o campo das Artes Visuais, torna-se fundamental compreender que a arte também não está dissociada das estruturas de poder. A história da arte, tradicionalmente ensinada nas escolas e universidades, privilegiou produções eurocentradas, relegando artistas negros à invisibilidade ou à marginalidade. Esse processo contribui para a construção de uma identidade fragmentada, na qual alunos negros raramente se veem representados como produtores legítimos de cultura e conhecimento.

A identidade, nesse contexto, não é compreendida como aparência fixa, mas como construção histórica e social. Ela se constitui nas relações, nas narrativas e nas imagens que circulam socialmente. Quando a escola silencia determinadas histórias ou referenciais, ela também interfere na forma como os sujeitos constroem sua percepção de si mesmos. Em um trecho da carta em *Querido Estudante Negro* temos um exemplo dessa questão:

Aquela minha amiga, que eu falei que é branca-escura, mas é pobre, quer fazer medicina. Tipo, não existem pessoas da medicina parecidos comigo. Por mais que minha amiga não tenha poder aquisitivo e não disponha de bens materiais, ela acessa um mundo totalmente positivado que é sua cara; ela se vê na medicina, na engenharia, no judiciário, na mídia televisiva, nos espaços políticos institucionais. Tipo, em absolutamente todos os espaços de poder, ela se vê representada, é óbvio que ela vai conseguir se projetar subjetivamente em qualquer um deles. Isso é muito diferente para nós. (2023, p. 81-82)

No caso da docência negra em Artes Visuais, a identidade profissional se entrelaça com experiências de resistência. O/a professor/a negro/a ocupa um espaço que historicamente lhe foi negado e, ao fazê-lo, tensiona padrões normativos de autoridade e saber. Sua presença rompe com a lógica que associa intelectualidade e produção artística a corpos brancos.

As discussões sobre mérito e desigualdade também atravessam esse debate. O discurso meritocrático tende a individualizar trajetórias de sucesso, desconsiderando as condições estruturais que dificultam o acesso e a permanência da população negra no ensino superior e no mercado de trabalho. A baixa representatividade docente não pode ser atribuída a suposta falta de interesse ou competência, mas deve ser analisada a partir das barreiras históricas e institucionais que limitam oportunidades.

Ao considerar a arte como campo de produção simbólica, torna-se evidente seu potencial formativo na construção de identidades positivas. A produção artística pode atuar como forma de autoafirmação, reescrita de narrativas e reconstrução de memórias coletivas. Quando artistas e docentes negros narram suas próprias trajetórias, deslocam o lugar de fala historicamente imposto e constroem outras possibilidades de representação.

Nesse sentido, a fotografia, enquanto linguagem visual e instrumento de registro, assume dimensão política. Ao registrar professores/as negros/as, não se trata apenas de produzir imagens, mas de afirmar presenças, construir memória e disputar imaginários sociais. A imagem deixa de ser mero documento e se torna gesto de reconhecimento.

A articulação entre educação, arte e identidade, portanto, revela-se fundamental para compreender a importância deste trabalho. A docência negra em Artes Visuais não é apenas

prática profissional, mas experiência atravessada por disputas, processos de autoafirmação e estratégias de permanência. Ao dar visibilidade a essas narrativas, o presente estudo busca contribuir para a ampliação do debate sobre representatividade, reconhecimento e construção de memória no campo educacional e artístico.

### 3 DUAS GERAÇÕES, UM SISTEMA: EXPERIÊNCIAS ENTRE DOCENTES

A construção deste capítulo parte de uma experiência que foi, antes de tudo, desafiadora. Ainda que houvesse uma base metodológica construída no projeto de extensão *Afrofotobiografias em questão: a visibilidade dos invisíveis*, o processo de localizar docentes negros de Artes Visuais na cidade revelou-se mais complexo do que o esperado.

Se, no projeto anterior, já havia sido difícil encontrar artistas negros atuantes em Uberlândia, nesta etapa a dificuldade se intensificou ao buscar professores/as negros/as na docência em Artes. Em contato com diferentes instituições de ensino, observou-se que, majoritariamente, os docentes de Artes eram brancos. Nos poucos espaços onde havia professores negros, houve certa relutância em participar da pesquisa.

Essa relutância provocou uma reflexão importante: haveria receio de serem colocados em um lugar “nichado”, restrito a uma identidade racial? Participar de um trabalho que enfatiza a condição racial poderia ser interpretado como reforço de um enquadramento que historicamente marginaliza? Essa tensão evidencia como a identidade racial, no espaço educacional, ainda é atravessada por receios e estratégias de autopreservação.

Ao final, o grupo foi constituído por quatro participantes, organizados em dois recortes geracionais: dois docentes com mais de dez anos de carreira e dois estudantes em fase final da licenciatura em Artes Visuais.

#### 3.1 Primeira geração: permanência e estratégias de sobrevivência

O primeiro grupo foi composto por Richard e Mara, ambos com mais de uma década de atuação em escolas. Ainda que compartilhem a experiência de docência e identidade racial, suas trajetórias revelam detalhes importantes.

Richard Augusto, é natural de Bauru-SP e residente em Uberlândia-MG, artista visual e arte-educador, atua na criação de ilustrações, caricaturas e web-arte, além de ministrar cursos de desenho e criação de personagens. Sendo um homem preto, com ampla experiência em escolas públicas, relata ter desenvolvido uma “persona” para conseguir lidar com a sala de aula. Essa construção não se deu como escolha estética ou pedagógica inicial, mas como estratégia de sobrevivência institucional. Ao transitar por diferentes escolas, enfrentou falas

preconceituosas de alunos e dificuldades advindas de gestões que, muitas vezes, não reconheciam a dimensão do racismo presente nas dinâmicas escolares.

Segundo seus relatos, a dificuldade de colegas brancos compreenderem a própria branquitude, especialmente no espaço educacional, impacta diretamente suas relações profissionais. A ausência de reconhecimento das desigualdades raciais tende a invisibilizar conflitos e responsabilizar individualmente o docente negro por tensões estruturais.

Richard encontrou caminhos para trabalhar questões raciais com seus alunos, incorporando discussões sobre identidade e representação em suas aulas. Ainda assim, percebe-se que o enfrentamento dessas questões não se encerra, mas permanece como processo contínuo.

Mara Lúcia França, é artista visual com sua linguagem poética voltada para memória e identidade, por sua vez, construiu trajetória majoritariamente em escolas particulares. Mulher parda, relata não ter enfrentado os mesmos impedimentos institucionais vivenciados por Richard. Sua experiência indica que a tonalidade da pele e o espaço institucional (público ou privado) também interferem nas formas como a hostilidade se manifesta.

Mara afirma trabalhar com seus alunos questões raciais de forma integrada às propostas artísticas, buscando naturalizar o debate e ampliar repertórios. Sua percepção de maior abertura para desenvolver projetos pode estar relacionada tanto ao contexto escolar quanto às formas como é racialmente percebida nesses espaços.

Ao observar essas duas trajetórias, torna-se evidente que, embora inseridos no mesmo sistema educacional, os atravessamentos não se dão de maneira homogênea. A docência negra não é experiência única; ela se constitui a partir de múltiplos aspectos, gênero, tonalidade da pele, tipo de instituição e tempo de carreira.

### **3.2 Segunda geração: formação e incertezas**

O segundo grupo foi composto por Isabelle e Abraão, estudantes em fase final da licenciatura em Artes Visuais. A escuta desse grupo revelou não apenas expectativas, mas também dúvidas e pretensões em relação à profissão docente.

Isabelle dos Santos Oliveira, graduanda no curso de artes visuais na Universidade Federal de Uberlândia, mulher preta, demonstrou em suas falas a importância da

representatividade na formação acadêmica. Durante a conversa, mencionou que não havia inicialmente percebido que muitos referenciais negros na universidade eram apresentados de forma categorizada, frequentemente vinculados a disciplinas específicas ou a recortes temáticos, e não integrados às narrativas centrais da história da arte.

Essa percepção evidencia como o currículo pode operar por meio de uma lógica de inclusão parcial: artistas negros são mencionados, mas não necessariamente colocados em diálogo horizontal com outros referenciais. Isabelle traz para sua prática docente o desejo de representar sua própria trajetória, sua família e sua identidade em seus trabalhos, compreendendo a arte como extensão de si.

Abraão, graduando no curso de artes visuais na Universidade Federal de Uberlândia, homem preto, por outro lado, relata que o desejo de se tornar professor surgiu a partir de uma experiência marcante em uma aula de Artes. No entanto, após vivências em estágios supervisionados, passou a questionar se deseja permanecer na profissão. As experiências nas escolas, ainda que temporárias, revelaram desafios estruturais que impactaram sua percepção sobre o futuro profissional.

A fala de Abraão evidencia uma tensão geracional, enquanto a primeira geração construiu estratégias de permanência ao longo dos anos, a segunda ainda avalia se permanecerá no sistema. A insegurança não se refere apenas à docência como prática, mas às condições estruturais que a envolvem.

### **3.3 Um sistema, diferentes atravessamentos**

A análise dos dois grupos revela que, apesar da diferença geracional, ambos estão inseridos no mesmo sistema educacional, marcado por desigualdades estruturais e disputas simbólicas. A primeira geração desenvolveu mecanismos de adaptação e resistência; a segunda encara o sistema ainda em processo de decisão sobre pertencimento e permanência.

A minha experiência como pesquisadora também foi atravessada por essas tensões. O processo inicial de busca por participantes foi marcado por frustração e sensação de escassez, que não se limita a números, mas aponta para uma questão: a baixa representatividade de docentes negros em Artes Visuais na cidade.

Mais do que comparar trajetórias, quero evidenciar que a docência negra é atravessada por múltiplas camadas:

- estratégias de sobrevivência institucional;
- negociações identitárias;
- tensões curriculares;
- expectativas e incertezas geracionais.

Ao reunir essas experiências, compreende-se que não se trata de duas gerações isoladas, mas de sujeitos inseridos em um mesmo sistema que continua a reproduzir desigualdades, ainda que de formas distintas ao longo do tempo.

A escuta dessas narrativas reafirma que a permanência docente não é apenas questão de escolha individual, mas resultado de enfrentamentos cotidianos. O que podemos perceber é que o enfrentamento, mesmo em passos lentos, trouxe resultados: os veteranos de profissão citam o aumento percebido por eles em estudantes negros na universidade em comparação à sua entrada. Criando, assim, a possibilidade de vermos mais docentes negros ocupando mais espaços nas instituições de ensino.

#### 4 FOTOGRAFIA, VISIBILIDADE E CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA

A ideia de que a câmera é um instrumento neutro de registro tem sido amplamente questionada por estudos críticos da tecnologia e da imagem. A fotografia, desde seu surgimento no século XIX com processos como o daguerreótipo, foi desenvolvida em contextos europeus e norte-americanos marcados por hierarquias raciais. Seus padrões técnicos, exposição, iluminação e revelação, foram ajustados dentro de sociedades que naturalizaram a centralidade da pele branca como referência estética e normativa.

A crítica à padronização racial na fotografia ganha evidência histórica com o chamado “Shirley Card”, cartão de calibração criado pela Kodak nos anos 1950. O modelo utilizado como referência era uma mulher branca, e os parâmetros de cor eram ajustados para que sua pele fosse considerada “correta”, o que abre o debate “as câmeras não foram feitas para pessoas negras”. O fotógrafo Eustáquio Neves relata sua experiência:

“Os parâmetros não foram feitos para a pele escura, mas para a tez caucasiana. Este sempre foi um grande problema. Fotografar uma negra com vestido de casamento branco, por exemplo, era muito difícil. Acabava-se clareando o negro, em vez de retratá-lo. Eu achava que não sabia fotografar, até perceber que o padrão não foi criado para a pele negra”. (2016, revista zum10)



Eustáquio Neves, da série “A boa aparência”, 1999-2000

Investigações jornalísticas e acadêmicas nas décadas de 1980 e 1990 evidenciaram que os fabricantes demoraram a adaptar os filmes para captar adequadamente diferentes tonalidades de pele. Curiosamente, segundo Roth (2009), a mudança significativa na tecnologia de cores ocorreu quando empresas de chocolate e fabricantes de móveis passaram a exigir melhor reprodução de tons escuros em anúncios publicitários. O ajuste não se deu inicialmente por equidade racial, mas por pressão comercial.

Do analógico ao digital, os vieses não desapareceram, apenas transformaram-se. Estudos recentes demonstram que sistemas de reconhecimento facial apresentam taxas de erro significativamente maiores quando aplicados a rostos negros, especialmente mulheres negras.

"Se você tiver um sistema que é treinado basicamente com rostos de universitários americanos você vai ter rostos de homens brancos - e um sistema muito bem treinado para identificar homens brancos.". (2024, g1)

Portanto, a proposta deste trabalho não foi produzir retratos sobre os participantes, mas construir imagens com eles. Desde o início, a intenção não era enquadrar cada docente a partir da minha própria percepção sobre o que representaria sua complexidade enquanto professor/a negro/a. Ao contrário, a fotografia foi pensada como espaço coletivo de elaboração simbólica.

Em um contexto marcado pela aceleração das rotinas e pela fragmentação das relações, optou-se por ampliar ao máximo os momentos de troca. Conversas, escutas e reflexões antecederam o ato fotográfico. A imagem não seria um registro espontâneo, mas resultado de um processo narrativo.

A questão que orientou cada ensaio foi: **como você gostaria de, por meio da fotografia, mostrar sua docência negra?**

Essa pergunta colocou a fotografia do campo da representação externa para o campo da autorrepresentação. Cada participante foi convidado a pensar sua prática pedagógica como linguagem visual, transformando sua trajetória em cena.

A partir dessas conversas, construiu-se um roteiro de ensaio fotográfico individual, respeitando as narrativas e os referenciais estéticos de cada docente.

#### **4.1 Richard: Corpos no Mapa; a docência nos espaços da cidade**

Richard desenvolve com seus alunos trabalhos voltados à identidade e à ocupação dos espaços urbanos. Sua prática pedagógica atravessa a discussão sobre pertencimento e circulação na cidade, é autor do livro *UBERLAND: A cartografia artística sobre o imaginário social urbano da cidade de Uberlândia-MG* publicado em 2023 e do livro *Sol do Amanhã*, publicado em 2025, um romance Afroturista que se passa na cidade de Uberlândia. Levamos como conceito principal do seu ensaio essa relação com os espaços.

A cidade como extensão da sala de aula, a foto busca revelar como eles se localizam nos mapas figurados e físicos, ressignificando lugares e refletindo sobre presença, ausência e pertencimento. Não se tratava apenas de retratá-lo como professor, mas como sujeito que provoca seus alunos a refletirem sobre quem são e onde estão.

Na categoria equipe técnica de seu roteiro foi sugerido como figurino elementos mais urbanos e afro, como estampas mas com tons neutros, pensando na direção de arte a paleta escolhida para trabalhar esse ensaio foram tons terrosos, cinza, amarelo queimado para simbolizar as características de chão, concreto e vitalidade

Figura 1 - Cena



Fonte: autora

A estrutura narrativa do ensaio foi composta por três cenas principais, a primeira cena teve como proposta o reflexo da existência em fachadas compostas por janelas/espelho para refletir o espaço urbano enquanto o homem se reconhece como pertencente, reescrevendo a imagem de quem pertence à cidade.

Figura 2 - Cena praça da Igreja Nossa Senhora do Rosário



Fonte: autora

A segunda cena foi composta pelo cenário da praça da Igreja Nossa Senhora do Rosário, um bem tombado. Foi uma sugestão de Richard, para retratar o local final de encontro e encerramento da Festa do Congado que acontece em Uberlândia no mês de Outubro.

Figura 3 - Cena Monumento Zumbi dos Palmares



Fonte: autora

A última cena foi composta dessa narrativa foi produzida no local da praça da Igreja Nossa Senhora do Rosário, voltada para o monumento em homenagem a Zumbi dos Palmares em Uberlândia. Sendo um local onde ocorrem diversas manifestações culturais importantes como o Congado citado acima, esse local simboliza a luta pela igualdade e resistência contra a discriminação racial.

A construção do roteiro para elaboração das fotos teve como base a estética de artistas como Bruno Melo, fotógrafo residente em São Paulo, que tem como foco fotografias de rua, registrando histórias do cotidiano em silêncio e cenas urbanas. Suas fotos frequentemente mostram a rotina de São Paulo, incluindo cenas de metrô e momentos espontâneos nas ruas.

Figura 4 - Pelas ruas de Sucre- Bolívia



Fonte: Bruno Melo - brunovisual, 2026

#### **4.2 Mara: retalhos, ancestralidade e afeto**

Mara traz em sua prática a presença constante da memória familiar. Filha de costureira, incorpora os retalhos como elemento estético e emblemático em seus trabalhos. Em sala de aula, desenvolveu com seus alunos projetos envolvendo as bonecas Abayomi, símbolo de resistência e cuidado na diáspora africana, sendo trabalhado por ela desde sua monografia de Conclusão de Curso com o título *Bonecas de Pano: Reconhecendo aspectos da minha identidade visual*.

Seu ensaio foi pensado a partir da textura, do tecido e do gesto manual. Os retalhos não aparecem apenas como material, mas como metáfora, a docência como costura de histórias, saberes e afetos.

A fotografia, nesse contexto, constrói uma memória que entrelaça ancestralidade, prática pedagógica e identidade racial. O tecido torna-se extensão da narrativa docente, evocando cuidado, resistência e continuidade.

Figura 5 - Cena 1



Fonte: autora

Figura 6 - Cena



Fonte: autora

Figura 7 - Cena 3



Fonte: autora

A estrutura narrativa do ensaio foi composta por três cenas principais, pensando no registro da construção das bonecas abayomis refletindo no conceito da docência como cena viva e contínua, onde ensinar é também performar a própria história.

A construção desse roteiro para elaboração das fotos tem como base a estética de artistas como Zanele Muholi, artista e ativista visual sul-africana, conhecida por explorar a identidade queer negra na África do Sul.

Figura 8 - Thulile I, Delaware



Fonte: Muholi (2016).

### **4.3 Isabelle: A Docência que Costura a memória**

Isabelle desenvolve trabalhos com estamparia e memória, trazendo frequentemente sua família como referência visual. Sua produção revela a importância de tornar visíveis histórias que, muitas vezes, não ocupam os espaços centrais da arte institucionalizada.

Para seu ensaio, a proposta foi enfatizar essa relação entre imagem e herança familiar. A estampa presentes em suas criações simboliza as conexões entre passado, presente e futuro, fios que tecem sua trajetória como educadora e artista, ela multiplica, repete, espalha rostos que carregam histórias.

Ao pensar sua futura docência, Isabelle demonstra o desejo de integrar identidade e prática pedagógica. Sua imagem, portanto, não foi construída apenas como estudante, mas como professora em formação que compreende a memória como forma de ensino. O objetivo deste ensaio foi utilizar estampas e tecidos e representar a ancestralidade feminina e familiar como fonte de criação e reflexão pedagógica.

Figura 9 - Tempo e criação



Fonte: autora

A cena “Tempo e criação” tem como proposta o fazer artístico como continuidade da memória, o tempo que se transforma em imagem e ensino. A jovem professora que transforma em lembranças caminhos pedagógicos.

Figura 10



Fonte: autora

Figura 11



Fonte: autora

As figuras 9 e 10 tem como o mesmo objetivo e conceito: pensar a herança. O vestido com as estampas e imagens familiares e o tecido estampado atrás de seu corpo faz a evocação das gerações e mostra suas heranças que se transformam em ensinamentos.

Quando elaborava o roteiro e a procura de referências para esse ensaio, Helen Salomão conversou com a ideia do projeto. Natural de Salvador-BA, ela é uma artista multidisciplinar que emprega práticas como fotografia, videoarte, escrita e instalação. Sua pesquisa discute modos de existência a partir da relação entre corpo, identidade, saberes, espaços e memória.

Figura 12 - Série Digital na História “Matriarca Helena Salomão”



Fonte: Helen Salomão, 2016

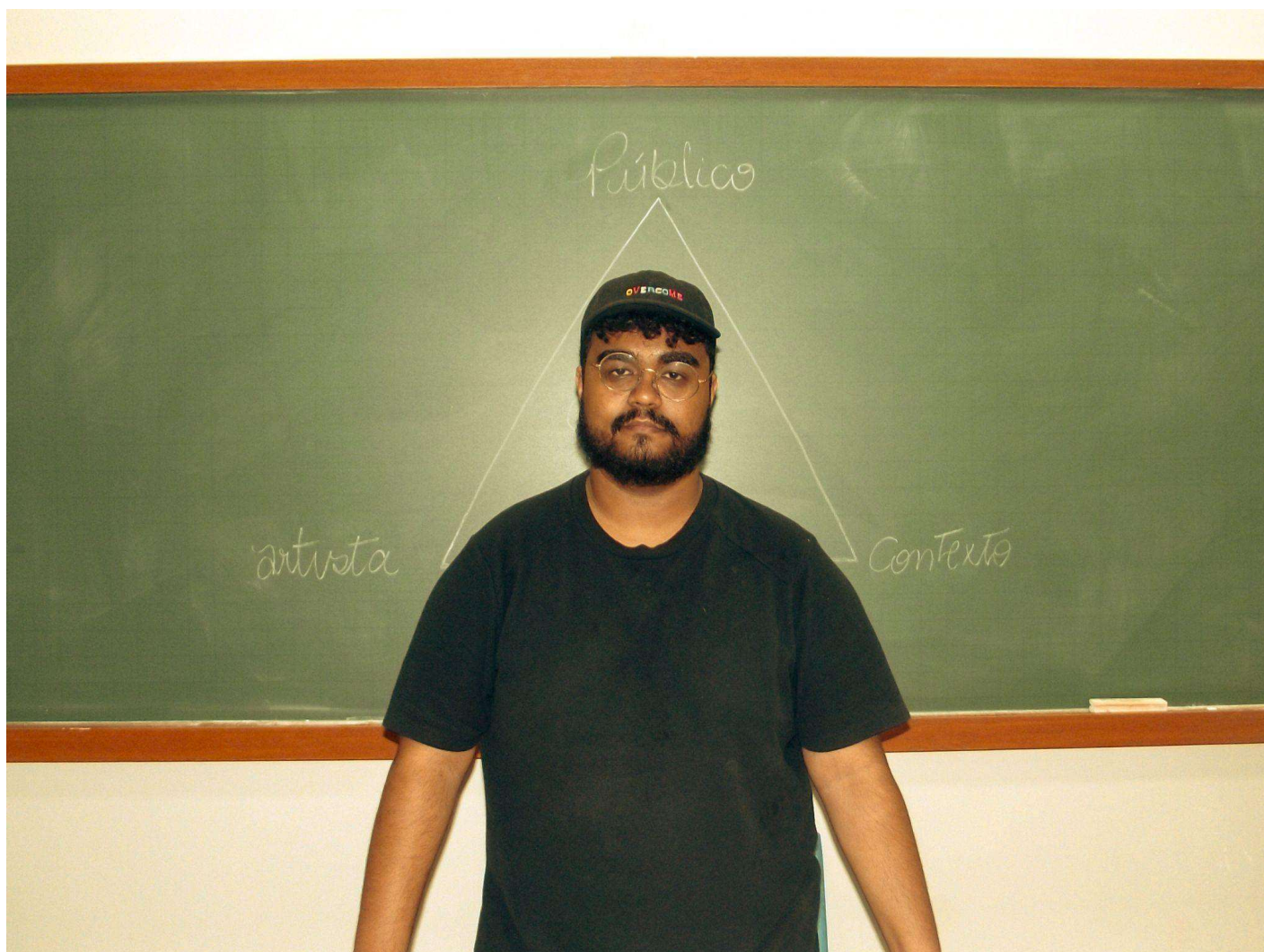
#### **4.4 Abraão: Entre Caminhos: A Travessia Docente**

Abraão desejou retratar o momento em que decidiu ser professor. Mais do que representar a docência em exercício, quis voltar ao instante simbólico que marcou sua escolha profissional.

Seu ensaio buscou capturar esse ponto de virada, o momento de significado. A fotografia, nesse caso, opera como reconstrução de memória, não se trata de um registro documental, mas da encenação de um acontecimento que permanece vivo na lembrança.

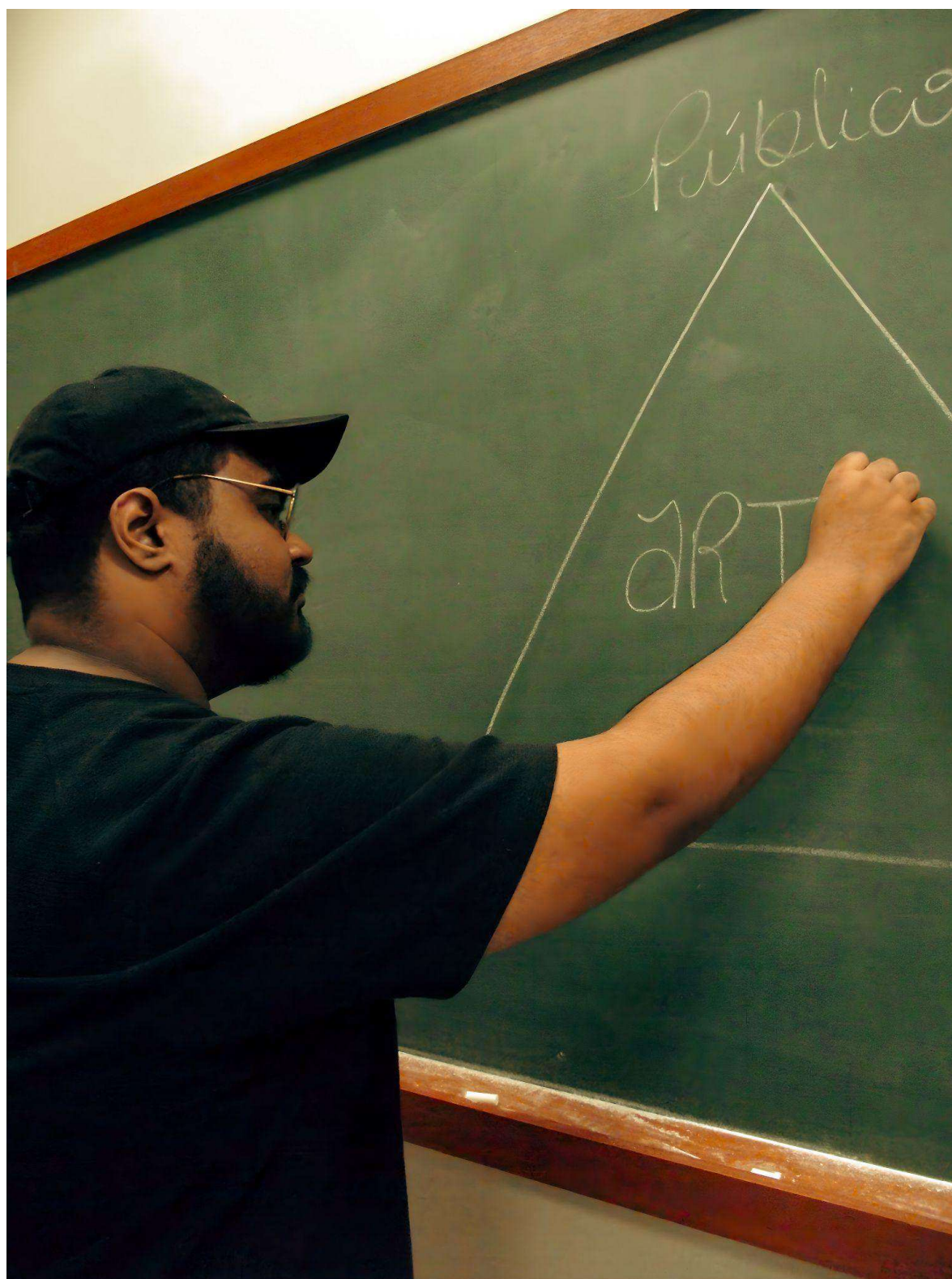
Ao fazer isso, a imagem evidencia que a docência também nasce de afetos, de encontros e de experiências marcantes.

Figura 13



Fonte: autora

Figura 14



Fonte: autora

Figura 15



Fonte: autora

A identidade visual apresentada reforça esses conceitos como referência para elaboração do ensaio.

Figura 16



Fonte: DESTINEE L. C. G

#### **4.5 Madeira: suporte e permanência**

As fotografias foram impressas em uma técnica UV que faz a impressão direto na madeira, escolha que não foi apenas estética, mas importante para reforçar a ideia de permanência. A madeira carrega significados culturais importantes para populações negras, especialmente quando associada à ancestralidade, ao trabalho manual e à resistência material.

Enquanto suporte, a madeira se distancia da fragilidade do papel fotográfico tradicional. Ela traz peso e textura. A imagem, ao ser impressa neste material, ganha dimensão quase escultórica, aproximando-se do objeto e afastando-se da ideia de fotografia como algo efêmero.

Essa escolha reforça a intenção de construir memória. A madeira sustenta a imagem assim como a ancestralidade sustenta a trajetória desses docentes.

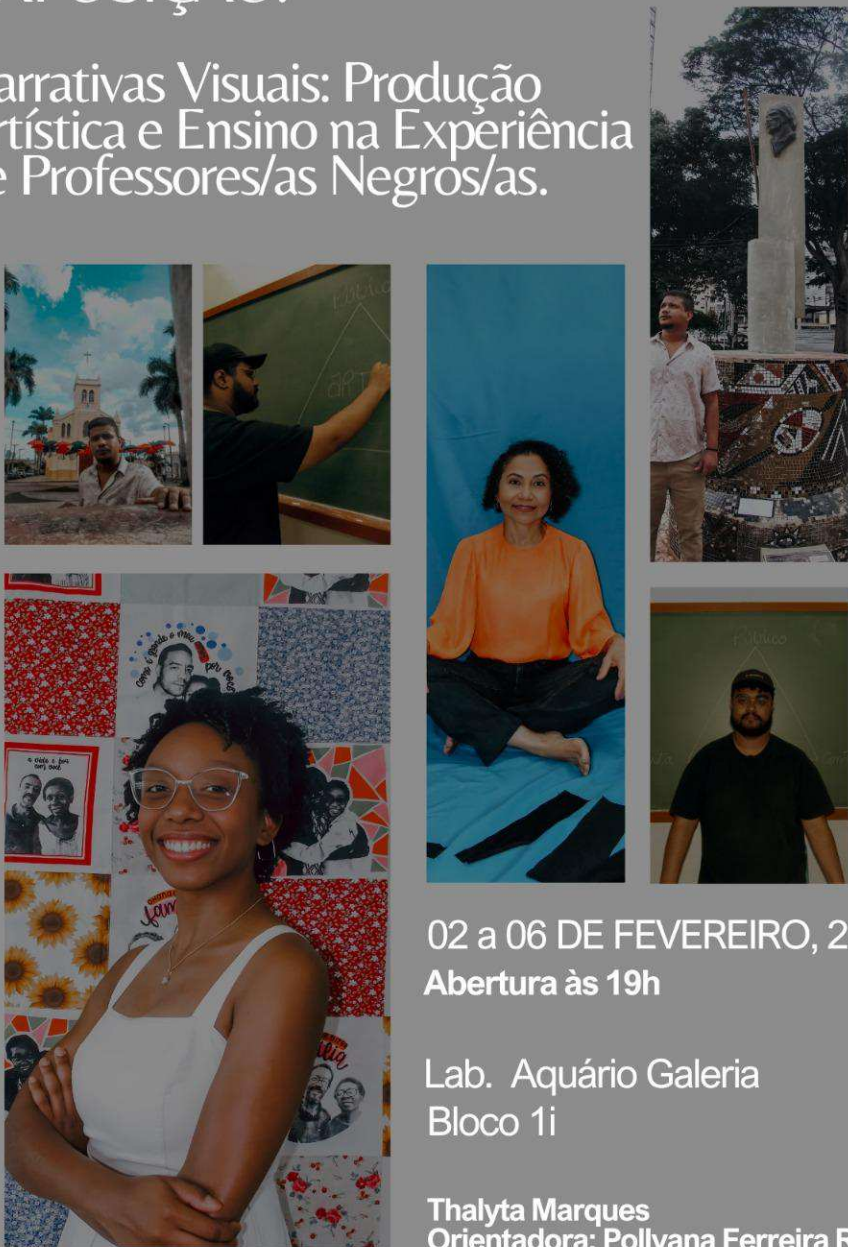
A composição final foi de 12 quadros de madeira nas dimensões 50x33, a construção de prévias visuais teve como fundamento para visualizar a composição da exposição.

O trabalho foi exposto no Lab. Aquário Galeria localizado no Bloco 1i, no Campus Santa Mônica na Universidade Federal de Uberlândia, com abertura da exposição do dia 02 de Fevereiro de 2026. Trazendo o significado do projeto de dar a visibilidades a esses profissionais da educação.

Figura 17 - Convite da exposição e imagens da exposição

**EXPOSIÇÃO:**

**Narrativas Visuais: Produção Artística e Ensino na Experiência de Professores/as Negros/as.**



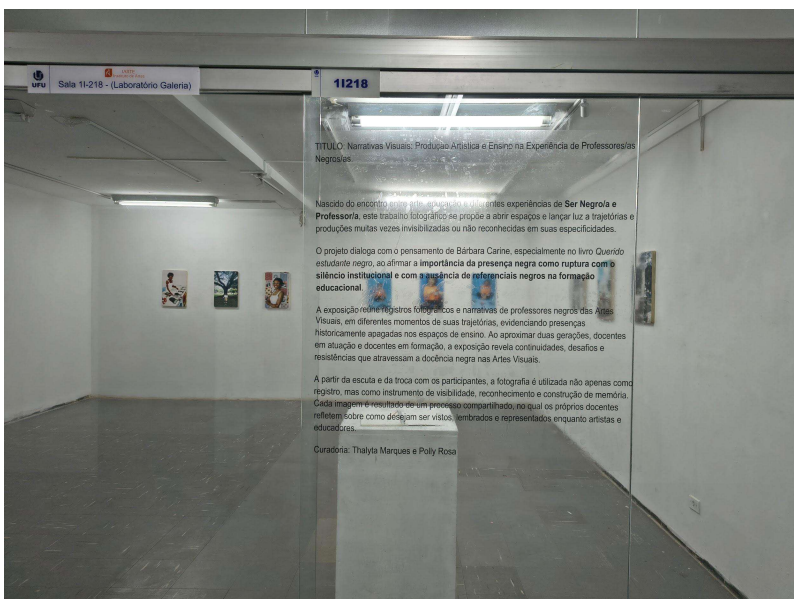
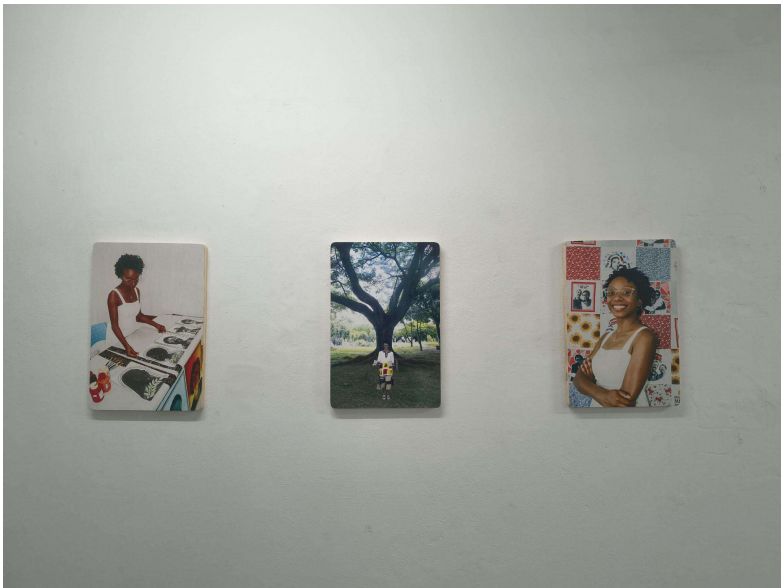
**02 a 06 DE FEVEREIRO, 2026**  
**Abertura às 19h**

**Lab. Aquário Galeria**  
**Bloco 1i**

**Thalyta Marques**  
**Orientadora: Pollyana Ferreira Rosa**





## 5 CONCLUSÃO

Este trabalho nasceu de uma inquietação pessoal, mas ao longo do percurso revelou-se uma investigação sobre estruturas maiores que atravessam a educação, a arte e a imagem. A leitura de *Em busca de mim*, de Viola Davis, despertou um incômodo que se ampliou na universidade, nos projetos e nas experiências em estágios: onde estão os docentes negros nas Artes Visuais? E, quando estão, como permanecem?

A pesquisa evidenciou que a baixa representatividade não é impressão subjetiva, mas realidade estrutural. A dificuldade em localizar professores/as negros/as atuantes na cidade de Uberlândia já se constituiu como dado significativo. A relutância inicial de alguns possíveis participantes também revelou marcas históricas, o receio de serem enquadrados apenas pela dimensão racial expõe o quanto a identidade negra ainda é constantemente tensionada nos espaços institucionais.

Ao analisar duas gerações inseridas no mesmo sistema educacional, ficou evidente que a docência negra é atravessada por estratégias específicas de permanência. A primeira geração desenvolveu mecanismos de sobrevivência institucional, criando personalidades, negociando conflitos e abrindo caminhos em contextos muitas vezes hostis. A segunda geração, ainda em formação, carrega tanto o desejo quanto a incerteza, revelando que a permanência não é garantida, mas constantemente negociada.

Essas experiências confirmam que uma trajetória docente negra não pode ser compreendida sob a lógica individual de méritos. Ela é atravessada por desigualdades históricas, disputas curriculares e restrições identitárias. A escola e a universidade, embora espaços de formação, ainda reproduzem silenciamentos e ausências que impactam diretamente a construção de pertencimento.

No campo da fotografia, a pesquisa também trata da ideia de neutralidade tecnológica. Ao reconhecer que os próprios dispositivos de imagem foram historicamente calibrados a partir de padrões racializados, o ato de fotografar negros docentes adquire outra dimensão. Não se trata apenas de produzir retratos, mas de disputar visibilidade em um campo que, durante décadas, privilegiou determinados corpos como norma.

A proposta de construção coletiva das imagens deslocou a fotografia do local de captura para o local de escuta. Cada ensaio foi elaborado a partir das narrativas dos participantes, respeitando suas estéticas, memórias e desejos de representação. A impressão das fotografias em madeira reforça essa dimensão de permanência e ancestralidade, materializando o compromisso com a memória.

Mais do que um registro artístico, o trabalho realizou a criação de um acervo visual que afirma a presença de docentes negros nas Artes Visuais. Um gesto que se posiciona contra o desligamento e a invisibilidade histórica.

Ao longo do processo, também me reconheci atravessada por essas narrativas. O percurso da pesquisa transformou minha própria percepção sobre docência, identidade e produção artística. Compreender que investigar também é permitir que as histórias escutadas respondam nossas próprias perguntas.

Este trabalho não encerra o debate. Ao contrário, abre possibilidades para futuras investigações sobre representatividade docente, currículo, memória e da imagem. A ampliação do acesso ao ensino superior e a presença crescente de estudantes negros indicam movimentos de transformação, mas ainda há caminhos a percorrer.

Concluir esta pesquisa é afirmar que a fotografia pode ser uma forma de proteção. Que a docência negra existe, resiste e produz conhecimento. E que registrar essas presenças é também escrever outras narrativas para a educação e para a arte.

## REFERÊNCIAS

- INTELIGÊNCIA artificial: mulheres negras sofrem mais erros nas abordagens de reconhecimento facial do que brancos. Entrevistada: Silvana Bahia. Entrevistadora: Natuza Nery. *O Assunto*, G1, 15 fev. 2024. Podcast. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2024/02/15/inteligencia-artificial-mulheres-negras-sofrem-mais-erros-em-abordagens-de-reconhecimento-facial-do-que-brancos.ghtml> Acesso em: 22 fev. 2026.
- SOB a luz tropical: racismo e padrões de cor da indústria fotográfica no Brasil. *Revista ZUM*, São Paulo, 10 abr. 2016. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-10/racismo-padroes-industria-brasil/> Acesso em: 22 fev. 2026.
- CARINE, Bárbara. *Querido estudante negro*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2024.
- DAVIS, Viola. *Em busca de mim*. Tradução de Marina Vargas. Rio de Janeiro: BestSeller, 2022..
- ARRUDA, Evelyn; CIELLO, Fernando; MEUCCI, Simone. Educação para uma vida melhor: trajetórias sociais de docentes negros. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 158, pág. 882–914, out./dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/198053143248> Acesso em: 15 out. 2025.
- SALOMÃO, Helen Helena. *Salomão*. Portfólio artístico. Disponível em: <https://helensalomao.com/> Acesso em: 22 fev. 2026.
- DESTINELE, CG *Destinele CG: portfólio*. [S. l.], Disponível em: <https://destinele.my.canva.site/> Acesso em: 22 fev. 2026.
- MUHOLI, Zanele. *Thulile I, Delaware*. 2016. Fotografia, gelatina de prata sobre papel, 60 × 40 cm. Disponível em: <https://www.artsy.net/artwork/zanele-muholi-thulile-i-delaware> Acesso em: 22 fev. 2026.
- BRUNOVISUAL. *Bruno Visual no Pixn*. [S. l.]. Perfil d <https://www.pixnoy.com/prof>.
- BORGES, Cristiane Pereira; CAMPOS, Tamara de Souza. Evocação dos Ausentes: artistas negras, negres e negros nas artes visuais no Brasil. **Revista Magistro**, Campinas, v. 2, n. 30, p. 21-40 fev. 2025. Disponível em: <https://granrio.emnuvens.com.br/magistro/article/view/9064>. Acesso em: 15 out. 2025.